

# Pode o eleitor aceitar a verdade?

OPINIÃO



Lourdes Pintasilgo \*

Se este convívio é uma homenagem, ela é recíproca. Homenagem à generosidade, à esperança, à visão, à sensibilidade aos valores de todos os que, de modo activo ou distante, acompanharam a minha candidatura à Presidência da República. Agradecer a vossa presença é agradecer também a todos e a todas que, durante estes meses, de mil maneiras, disseram a sua solidariedade.

Há dois meses que terminou a nossa aventura conjunta. Já é chegado o momento de falarmos claramente do que aconteceu. Sem nada escamotear.

Logo no dia 27 de Janeiro uma carta escrita por uma de vós e assinada por muitas outras dizia assim:

«Dói-me o peito do engano de quem trocou a certeza de muitos dias pela indecisão das últimas horas...»

Dói-me o peito de esperar o que é difícil esperar.

Dói-me o peito pela causa da derrota.

Mas, Canta-me o peito por saber que as armas usadas na guerra, em que esta campanha se transformou, estiveram do lado do esclarecimento, do respeito, da calma e do afecto...

Armas lentas, como lento é o projecto com que me sinto solidária.

Armas que em si mesmas são projecto com que me sinto solidária.

Armas que em si mesmas são já meios desse projecto, só entendível quando a coragem tomar o lugar do medo de mudança.

Canta-me o peito por sentir que o desgaste não desgastou; o cansaço não cansou; e que, a par do que não foi, existe a imensa força do que é.»

A vossa presença hoje aqui, como as cartas, os telegramas, os poemas, os livros, que tenho recebido, entendo-os como a expressão viva e espantosamente diversificada dessa força.

«A imensa força do que é...» — alguns tentarão logo encontrar uma expressão organizada (e, por isso mesmo, confinada e «arrumada») para interpretar ou traduzir essa força. Mas não é esse, em primeiro lugar, o seu significado. Encontrei-o palpável em círculos de ciências políticas, em actividades sociais, em gente de vida política e cultural nos Estados Unidos. As questões que levantámos ao longo dos últimos dois anos são questões que interessam para além das nossas fronteiras. São questões vitais para a sobrevivência das novas democracias na América Latina. São questões que já atravessam o corpo pensante das velhas democracias europeias e americanas. São questões prévias à instauração da própria democracia na grande maioria dos Estados do mundo.

## Criou uma cultura política

Não admira, por isso, que o jornal americano «In These Ti-

mes» (de 26 de Fevereiro a 11 de Março) num artigo sobre as eleições portuguesas com o título «O Inverno do descontentamento da irmã pobre da Europa», descreva o que chama o «Arco-Iris português de Pintasilgo» como «um movimento social de vanguarda» (1) e afirme que «o significado desta candidatura transcende os modestos 7 por cento do voto». Não se trata apenas de «trazer ideias ao discurso político português» mas de criar uma cultura política capaz de dar provas na vida democrática portuguesa.

Pergunto-me o que vos leva a exprimir a realidade política em formas novas que têm que ver com símbolos e sinais das coisas nem sempre ditas, nem sempre acabadas. Talvez seja porque há no desejo de tornar possível o pão, o trabalho, a educação, a casa, a independência, a felicidade, há nisso — que é afinal tão real e concreto e primeiro — algo de sonho. Não, não tenho medo das palavras. Também aqui a cultura americana me estimulou. Estive na Califórnia, em S. Diego, onde no dia 7 de Março à noite (2) recebi, com mais dez pessoas, o prémio atribuído pelo Centro Internacional de Mulheres a personalidades cuja vida manifesta, acima de tudo, perseverança na realização de um ideal.

A Califórnia não é só o Estado mais rico dos Estados Unidos (como os californianos gostam de dizer, «se fosse independente», a Califórnia era o país mais rico do mundo!). É também o espaço geográfico onde existem mais prémios Nobel. Um espaço privilegiado de criatividade em actos.

Pois bem, é nesse espaço que a presidente do Centro que me

atribuiu o prémio define o que ali se entende como etapas de uma vida ao serviço da humanidade:

• «Aceita que tens um sonho pessoal para o futuro.

• Faz um plano eficaz e viável para esse sonho — e ajusta-o quando for necessário.

• Compromete-te com o teu sonho — põe-te disponível para lhe dares o necessário tempo, esforço, dinheiro e dedicação.

• Rodeia-te de pessoas com ideias concretas e capazes de as pôrem em prática — pessoas que tornarão o teu sonho mais depressa uma realidade. (Não é necessário partir do zero de cada vez.)

• Quando o teu sonho se tornar uma realidade, partilha o resultado com o mundo — volta a dar aos outros!»

## Não temos que temer

Aparecerão estas palavras a muitos como «fora» da política. Sugerem ideias, esforço perseverante, acção inteligente, decisão pensada e pronta. E por isso pergunto: não é certo que esses ingredientes estão longe de muitos jogos mistificadores em que muitas vezes se envolve o poder para camuflar a sua própria incapacidade de sonhar o novo, a sua impotência face à complexidade do real? Se assim é, não temos que temer essas palavras. São elas que darão à política o seu conteúdo eficaz e humano.

É por isso que não nos podem bastar explicações simplistas face a resultados eleitorais. O povo me «acólho» que às vezes soube como azeite em vinho numa alargada culpabilidade o que foi momentânea irrupção do absurdo. As contradições do «estar» são engolidas pela permanência do «ser». Aí nascem todas as exclusões, todos os juízos categóricos, toda a desesperança.

Não anda longe dessa atitude o caminho que imediatamente procura o «bode expiatório». O resultado eleitoral foi assim porque... e surgem razões do nível primário de causa a efeito, algumas vezes encarnadas nesta ou naquela pessoa.

É a isso que René Girard se refere quando mostra a desproporção entre «a enormidade do social» e «a pequenez do indivíduo» quem quer que ele seja. O mecanismo de acusação que então se põe em marcha tem a sua origem nesse eclipse de razões imediatamente inteligíveis — o mundo, o nosso mundo, a sociedade, aparecem-nos como que esvaziadas do seu conteúdo cultural, da sua própria racionalidade. Difícil de suportar, esse eclipse conduz necessariamente a uma atitude persecutória: alguém tem-de-ser culpado! É ainda René Girard que nota como «em vez de ver no microcosmos individual um reflexo ou uma imitação do nível global, essa atitude procura no indivíduo a origem e a causa de tudo o que a fere».

## Interrogações

As interrogações que cada acontecimento político põe diante de nós são de outro tipo e têm outra dimensão. Vejo-as delinear-se com clareza nas vossas cartas e nas interrogações que trazem. Assim, por exemplo:

— A vontade popular exprime-se no voto. A intenção de voto, várias vezes interpelada, nasce na consciência da soberania do povo. Quando não há relação entre a intenção de voto e o voto, que factores dissociam a vontade popular da sua raiz profunda que é o exercício da soberania do povo? Ou, pelo contrário, que elementos mediadores vão de uma a outra? Como se constrói a democracia — poder, soberania do povo — nas situações da vida contemporânea em que a vontade popular é moldada por mil imponderáveis?

— Cada vez mais a política, no sentido tradicional, «funciona do lado da representação, do simulacro e não da realidade». Participar no político é aceitar um grau, ainda que mínimo, do nível da representação. Qual o grau de simulacro preciso para que o acto político seja entendido como acto real?

— A política que se quer alternativa insiste no «dizer a verdade». Mas podemos nós, pode o eleitor aceitar a verdade? Haverá necessariamente dois tempos nesse dizer a verdade: um tempo para atingir a vontade popular (verdade adiada e substituída pelos seus diversos disfarces) e um tempo posterior para dizer (finalmente!) a verdade? No limite, será necessário não dizer a verdade para, uma vez conquistada a vontade popular, fazer a verdade? Será o cerne da política mais o fazer a verdade do que dizê-la?

— Há vários anos que o tema da mudança é constante nas campanhas eleitorais, vindo de todos os protagonistas. Mas verifica-se que, eleitoralmente, a mudança como ideia vaga seduz, enquanto a mudança que, à partida, indica aspectos práticos e quotidianos dessa mudança, afasta o eleitor. Pergunta-se então: que desconhecido há no que é concreto e faz medo e que segurança há no que é abstracto e tranquiliza?

— A realidade de que a política se ocupa desdobra-se numa segunda camada de «realidade artificial» (paradoxal), criada pelos «mass media» e pela sua enorme velocidade de apreensão dos acontecimentos e das pessoas. Será possível desmontar esse segundo nível da «realidade»? Ou será que, pelo contrário, a política hoje precisa de «atravessar» num primeiro tempo a camada de nuvens da «realidade artificial» para depois poder corrigir-se à realidade «tal qual é»? Ou será ainda que a política do nosso tempo tem que equacionar essa realidade tal qual é englobando as outras dimensões aparentemente artificiais trazidas pelos «mass media»?

— A realidade de que a política se ocupa desdobra-se numa segunda camada de «realidade artificial» (paradoxal), criada pelos «mass media» e pela sua enorme velocidade de apreensão dos acontecimentos e das pessoas. Será possível desmontar esse segundo nível da «realidade»? Ou será que, pelo contrário, a política hoje precisa de «atravessar» num primeiro tempo a camada de nuvens da «realidade artificial» para depois poder corrigir-se à realidade «tal qual é»? Ou será ainda que a política do nosso tempo tem que equacionar essa realidade tal qual é englobando as outras dimensões aparentemente artificiais trazidas pelos «mass media»?

## Não temos respostas feitas

São muitas as perguntas a que temos de responder. Não temos respostas feitas. Por isso mesmo, é importante que as perguntas fiquem pairando no ar, como desafio à nossa inteligência e à nossa compreensão dos fenómenos sociais e políticos. Entretanto, há muito a fazer! Há, pelo menos, três tipos de acção conjunta que se situam na continuidade da democracia plena que tanto defendemos:

— Os núcleos de implantação geográfica (o local de residência nas grandes cidades ou a pequena terra com um todo, nos outros casos); deles poderá brotar a revitalização do movimento cooperativo, o apoio a

associações recreativas, a participação na actividade autárquica, a pressão para que se criem os conselhos municipais, a petição para que seja regulamentado por lei o referendo local...

— Os núcleos de carácter socioprofissional que já nos últimos meses mostraram as suas possibilidades. Deles poderá nascer a revitalização das várias instituições democráticas (empresas, escolas, órgãos de comunicação social) e no tempo próprio os novos parceiros sociais capazes de proporem soluções positivas e novas para o problema social a que estão especialmente ligados.

— Os núcleos de carácter técnico que se propõem um trabalho de estudo e de produção temática adaptada à conjuntura nacional.

Pela minha parte, contribuirei para o trabalho que for sendo realizado sobretudo através da minha própria reflexão e do enriquecimento que me traz o sempre crescente envolvimento internacional. Assim conto estar, à minha maneira, convosco. E é por isso que posso responder empenhadamente ao desafio que o Carlos Paulo me lançou após as eleições:

«Multiplicamos e somamos o entusiasmo e a energia, mas não dividimos nem subtraímos nada. A operação positiva, justa, campo alisado que permite o reencontro. Já prescindimos do confronto, da pretensiosidade viril do combate irracional: finalmente somos capazes da mistura, do calor intenso que caldeia a frontalidade.

Não somos bons, os melhores somos ESTES!

Limpidos, porque calmos; fraternos, porque amadores; enérgicos, porque experientes; solidários, porque humanos!

Somos este monte agrupado em sim mesmo, talvez mais solitário que apagado, talvez mais vulcânico e vulnerável que cimentado e fatalista.

Somos tudo isto — milhares de reflexos vivíssimos que finalmente se incorporam na nebulosa que clarifica os céus, e os embeleza.

Só pode dizer derrota quem do combate apenas vê os limites do campo e esquece que o tempo é espaço que permite a fermentação e a explosão constante dos que acesos se mantêm vivos; Só pode dizer tristeza quem da alegria imagina a quantidade da gargalhada e despreza a qualidade do sorriso; o apontamento em vez do esgar, a intenção em vez do atingido, a caminhada em vez da meta.

A nossa frente é esta e não outra.

A nossa fonte é outra e não esta.

O nosso futuro é este-outro e não este-mesmo.

Confiamos em nós, consigo. Amigos, e eu continuo a confiar em mim, convosco.

(1) Entenda-se esta expressão no contexto americano onde a palavra «vanguarda» apenas significa uma realidade sociológica e não uma qualquer categoria ideológico-política.

(2) Foi, de resto, essa circunstância que, por total impossibilidade de ligação aérea, me impediu de estar presente à tomada de posse do Presidente Mário Soares.

\* Maria de Lourdes Pintasilgo foi homenageada pelos seus apoiantes, no dia 22 de Março, com almoço no «Espelho de Água». Tendo falado de improviso, reconstituiu mais tarde a sua intervenção, neste texto que cedeu, em exclusivo a «O Jornal».

(Títulos e subtítulos da responsabilidade da Redacção.)

# Férias Felizes com OÁSIS



Temos para si, 4 novos modelos de Caravanas OÁSIS. Garantimos-lhe qualidade, segurança e assistência permanente. Neste Verão, decida do seu próprio destino. Confortavelmente. Visite-nos

Sede: R. Quinta das Lavadeiras, 10 - A/B - Lumiar - LISBOA  
Telefs.: 758 90 95 - 758 91 56  
Delegação: Est. Nacional, 10 - Lote 169 Letra A Quinta do Conde, 1  
2830 BARREIRO tel 201 81 75  
Representação Norte: Maia - Telef.: (02) 90 21 09

**Luarcampo**